

CONTOS DE FADAS E O PROGRAMA CONTA PRA MIM: A família no singular como norma de gênero prevalente

Maria Beatriz de Freitas Vasconcelos¹

Maria Carolina Caldeira da Silva²

Eixo temático: 3. Alfabetização, diversidades e inclusão.

Resumo: Presenciamos no Brasil, na atual atmosfera conservadora, a defesa de grupos reacionários por uma suposta “família natural”, reivindicada em uma ofensiva antigênero, que envolve grupos religiosos, partidos e movimentos de direita e extrema-direita e organizações pró-família que empreendem ações políticas voltadas a reafirmar uma normalização de condutas de gênero (JUNQUEIRA, 2018). Uma das ações desses grupos é a implementação do programa *Conta pra Mim*, que compõe a Política Nacional de Alfabetização. Por meio de uma metodologia que abarca elementos da análise de discurso foucaultiana buscamos, neste trabalho, analisar 15 Contos de Fadas desse programa fundamentadas na concepção de que essas narrativas atuam como currículo na relação entre literatura infantil e gênero. Mostramos que os contos analisados roteirizam a normalização do casamento heteronormativo e da família típica nuclear e heterossexual ao selecionarem apenas roteiros tradicionais para comporem o programa.

Palavras-chaves: Conta pra Mim; Contos de Fadas; gênero.

Introdução

A emergência dos Contos de Fadas tradicionais é regularmente localizada no período do século XVII, especialmente na Europa. É desse cenário que saíram muitas das histórias clássicas que ainda hoje permanecem e se atualizam, entre nós. Essas narrativas são, inclusive, compreendidas como documentos históricos (DARNTON, 1986), haja vista que

¹Mestranda em Educação pela UFMG. Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte. Contato: mariabeatrizrn@hotmail.com

²Doutora em Educação pela UFMG. Professora do Centro Pedagógico da UFMG e do PPGE/FaE/UFMG. Contato: mariacarolinasilva@hotmail.com

seus roteiros apresentam as culturas das sociedades antigas com seus conflitos e dinâmicas sociais, sobretudo porque eram histórias produzidas para um público adulto e expressavam “um mundo de brutalidade nua e crua [...], do estupro e da sodomia ao incesto e ao canibalismo” (DARNTON, 1986, p. 29). Essas histórias emergiram de culturas específicas e atendiam às urgências daquele tempo. Contudo, permanecem expressando em seus roteiros tradicionais, uma perspectiva naturalizante de humanidade – ideia biologizante e essencializadora de homem-mulher (JUNQUEIRA, 2018).

Atualmente, vivemos em um contexto social enunciado como pós-modernidade, tempo no qual as distinções culturais, se comparadas ao século XVII, são bem acentuadas. A pós-modernidade se apresenta como um tempo efêmero, instável, em constante transformação, mas sobretudo, um tempo que reivindica o protagonismo do corpo, das relações de gênero e que quer salientar que nossos corpos são significados pela cultura e por ela permanentemente alterados (LOURO, 2018). As discussões em torno das questões de gênero trouxeram para a Educação a constatação de que não há nada de “‘natural’ nesse terreno [das subjetividades], a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza” (p. 12). Esses tempos pós-modernos problematizam, assim, a artificialidade das concepções tidas como naturais e biológicas na construção dos binarismos de masculino e feminino, heterossexual e homossexual, enfatizando o “caráter cultural da masculinidade, da feminilidade, da homossexualidade ou da heterossexualidade” (LOURO, 2013, p. 48).

De maneira inversa a esse contexto pós-moderno, plural e diverso, e desprezando um universo de bibliodiversidade (BAPTISTA, 2020) da qual o Brasil já se beneficia, a Secretaria de Alfabetização do MEC disponibilizou uma coleção de livros, que nomeou como *Conta pra Mim (CPM)*, e que integra a Política Nacional de Alfabetização no Brasil (PNA) promulgada em 2019. São quarenta e quatro livros, dentre os quais vinte são Contos de Fadas que fazem circular noções essencialistas com relação a gênero, atendo-se por exemplo, à normalização binária masculino e feminino, em descompasso com a diversidade de modos de ser e existir que caracterizam a contemporaneidade. As obras disponibilizadas, por meio de uma plataforma *on-line*³, parecem negligenciar um tempo marcado pela proliferação da diferença e pela busca por colocar em pauta o “efeito dos conhecimentos produzidos pelos estudos feministas, de gênero e *queer* nas últimas décadas” no Brasil (PARÁISO, 2019, p. 1421). Divulga-se, por meio dos contos selecionados, a prescrição de que o feminino e o masculino devem “ter o sonho da completude com o casamento heterossexual” (XAVIER, FILHA, 2011, p. 594) e aciona-se um modelo de família, no singular, em todo o documento da política, ao apresentar uma norma de gênero prevalente em sua concepção.

³Disponível em < <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>> Acesso em 25/02/2021.

Considerando tais aspectos, este trabalho se fundamenta na concepção de que os Contos de Fadas atuam como currículo na relação entre literatura infantil e gênero e que produzem, autorizam, criam saberes e sujeitos (SILVA, 1995) de determinados tipos. O referencial teórico baseia-se nos Estudos de Gênero e estudos foucaultianos, particularmente nos conceitos de gênero e sexualidade. De acordo com Scott (1995) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 21). Butler (2018) salienta a relação entre “sexo/gênero/desejo” (p. 25) que construiu ao longo da história do ocidente uma ordem compulsória heterossexual. Para ela, o gênero não pode ser “meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2018, p. 27). Assim, a autora preconiza que perceber sexo e gênero como substância, como elementos naturais dos corpos é uma “produção fictícia” (p. 55) e que ambos são efeitos discursivos das relações de poder que agiram e agem na produção de uma “verdade do sexo” (FOUCAULT, 1988).

A metodologia adotada para esta análise abarca elementos da análise de discurso foucaultiana compreendendo as interdições e os procedimentos de poder acionados nos textos. Buscamos analisar 15 Contos de Fadas do programa, do total de 20 que são disponibilizados. Para tanto, selecionamos as narrativas que apresentam personagens protagonistas humanos com performances de gênero femininas e masculinas, uma vez que possibilitam o aprofundamento analítico com os conceitos abordados na investigação. Segundo Foucault (2014, p. 9), “são [n]as regiões da sexualidade e as da política” que as interdições mais se multiplicam, haja vista que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (p. 9). Ao selecionar Contos de Fadas tradicionais para integrarem o programa *Conta pra Mim*, opera-se excluindo outras literaturas que representam outras ordens discursivas e, dessa maneira, interdita-se a veiculação de histórias que contemplem as possíveis subversões às normas de gênero, expressas por meio de “corpos híbridos, desviados, afrontosos e amorosos” (SILVA, 2018, p. 15) que emergem na sociedade como um todo, desestabilizando e transgredindo as normas prevalentes de gênero.

Sendo assim, o argumento que defendemos neste trabalho é de que o programa *Conta pra Mim* é implementado dentro de uma agenda conservadora de sociedade, onde grupos reacionários acionam modelos prevalentes de relações de gênero, por meio das histórias dos Contos de Fadas tradicionais, como técnica de poder para conservar um *status quo* que reitera um padrão de família no singular. Desse modo, as narrativas analisadas roteirizam a

normalização do casamento heteronormativo e a família típica nuclear e heterossexual como pode ser visto na análise a seguir.

A família no singular

Dito 1: A **Coleção Conta pra Mim** é dedicada à família – mães, pais, filhas, filhos, avós, avôs... (BRASIL, Coleção CPM, 2020, grifo da obra)

Dito 2: [...] **Pela família e pela inocência das crianças em salas de aula que o PT nunca teve.** [...]!⁴
(Jair Bolsonaro, ex-Deputado Federal e atual presidente do Brasil)

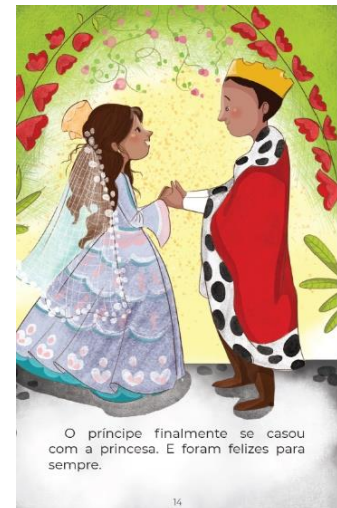
A justificativa do programa *Conta pra Mim* e o dito acima proferido pelo atual presidente, representam hoje no Brasil a atuação de uma agenda política conservadora. Ela é composta por uma discursividade fundamentalista cristã, que em nome da defesa da “família natural”, ataca políticas de igualdade de gênero (JUNQUEIRA, 2018) por meio do que nomeamos neste texto como discurso pró-família. Instituições, campanhas, programas de Governo, currículos escolares, ditos e histórias infantis são alguns elementos que compõem este “jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder” (FOUCAULT, 1988, p. 95) nesse processo de investimento na naturalização de relações de gênero. Por meio do discurso pró-família, os grupos conservadores veiculam a concepção de que “o modelo ‘normal’ é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos” (LOURO, 1997, p. 133). Esta configuração é percebida nesse discurso como natural e “processa-se uma naturalização — tanto da família como da heterossexualidade — que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares” (id., 1997, p. 134, grifo da autora).

Em conformidade com essa empreitada, as narrativas dos Contos de Fadas do programa *Conta pra Mim* apresentam um roteiro de normas de gênero em concordância com o discurso pró-família. É possível afirmar que, por meio desse discurso, convoca-se a família, no singular, na implementação do programa para prescrever um modelo de família nuclear. Para o funcionamento de tal empreendimento, o procedimento de *reiteração do casamento heteronormativo* é acionado nas obras dos Contos de Fadas publicadas para fazer com que o poder opere de modo a estabelecer essa norma de gênero prevalente. Parece atuar no programa a ideia de que “na maior parte das vezes, são as representações mais tradicionais ou conservadoras que conseguem ‘falar mais alto’ — acompanhadas por outras vozes sociais: da mídia, das religiões, do parlamento, etc” (LOURO, 1997, p. 130).

⁴Disponível em < <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/perolas-do-domingo-de-votacao-na-camara.html>> Acesso em 10/05/2021.

Sendo assim, dos quinze contos selecionados para análise, treze reiteram a prescrição do casamento heteronormativo como eixo fundamental na configuração da família nuclear. A heteronormatividade é compreendida, neste estudo, a partir da matriz da heterossexualidade que estabelece que “[...] nascer com um sexo implica viver certas características de um gênero e voltar o seu desejo sexual para pessoas de outro sexo” (CALDEIRA, 2016, p. 183). Essa matriz, segundo Butler (2018), “exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino se diferencia do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (p. 53). Desse modo, em nossa cultura, a norma prevalente de gênero permanece sublinhando o desejo heterossexual nos mais variados artefatos e nos Contos de Fadas, aqui analisados, se expressa de forma unânime, como evidencia a imagem a seguir.

Figura 1 – Casamento heteronormativo



(BRASIL, CPM, 2020, A princesa e a Ervilha)

No conto *A princesa e a Ervilha* o roteiro da história já explicita, na primeira página, o casamento heteronormativo ao apresentar um “*príncipe que viajou muitos reinos em busca de uma princesa para se casar*”. Assim também ocorre no Conto da *Branca de Neve* onde o pai da princesa “*se casou com outra mulher*”, após ficar viúvo. Além desses contos, a introdução de outros roteiros da coleção também apresenta a união conjugal entre um homem e uma mulher já no início da história, tais como *O pássaro encantado* e *Cinderela*. Outras histórias, conforme o que já conhecemos dos contos tradicionais, terminam com a clássica cena do desfecho “*e foram felizes para sempre*” na realização do casamento. O Quadro 1, a seguir, mostra o modo como o casamento aparece em diferentes contos do programa.

Quadro 1 – O início da família nuclear



As imagens nos permitem analisar o casamento a partir da ideia essencialista de matrimônio como sendo a “íntima comunhão de vida e amor conjugal, e inscrito na natureza do homem e da mulher” (JUNQUEIRA, 2018, p. 454), que resulta na concepção de família “declinada sempre no singular: a ‘única família natural’, patriarcal, biologicamente radicada, fundada na união monogâmica homem-mulher, presumivelmente por matrimônio sacramentado e indissolúvel, com prole” (JUNQUEIRA, 2018, p. 454). Privilegiar aqui a significação dessas imagens se deve ao fato de que a literatura infantil se faz também pelas ilustrações. Entendemos que as imagens “como um texto discursivo e enunciativo” (SCHWENGBER, 2014, p. 267), mais do que ilustrar, descrevem e normatizam, pois são um “recurso produtivo que reafirma, amplia e/ou fixa os enunciados escritos ou atuam como outro texto” (SCHWENGBER, 2014, p. 268) e dão sentido tanto à história quanto ao texto escrito. No *Conta pra Mim*, a coleção tem recebido críticas com relação às ilustrações terem sido produzidas por uma mesma pessoa e representarem “vestimentas, gestos e traços que não são da maioria do povo brasileiro⁵”.

⁵ Disponível em < <https://www.quatrocincoem.com.br/br/noticias/politicas-do-livro/conta-outra> > Acesso em 10/05/2021.

A apresentação desses contos tradicionais, com apenas um tipo de enlace matrimonial, manifesta uma seleção interessada em conservar a norma prevalente de gênero, despreocupada com a temática da diferença. Outros arranjos familiares como a monoparental, multiparental, de gays e lésbicas com adoção de filhos, por exemplo, são criminalizados no discurso pró-família que aciona, constantemente, a ofensiva antigênero como uma das suas frentes no sentido de garantir que a família no singular continue sendo normalizada. No entanto, o que hoje concebemos como família nuclear, composta por um pai, provedor; uma mãe, cuidadora; e seus descendentes, nem sempre foi percebida assim na história do Ocidente. Tal configuração, segundo Foucault (1988), é uma herança de “dispositivos específicos de saber e poder” (p. 98) que agiram com relação ao sexo a partir do século XVIII e que assumiram coerência nesta época diante das demandas de emergência da burguesia.

Como pode ser evidenciado pelos Contos de Fadas do programa, a família nuclear segue sendo fabricada e normalizada no roteiro das histórias infantis, demonstrando que tal esforço permanece entre nós e ainda fabrica as relações em nossa cultura, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 2 – Família típica



Essa empreitada de normalização dos corpos, a partir de discursos que fabricam o gênero e a sexualidade, revela os efeitos de poder agindo “por canais cada vez mais sutis, chegando até aos próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos” (FOUCAULT, 2017, p. 326). Segundo Louro (1997) os livros didáticos e paradidáticos, no geral, representam a “família típica constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina” (p. 70, grifo da autora). Essa ideia também pode ser observada nos contos da CPM *João e Maria*, *João Magrelo*, *Cinderela* e *O Jovem Gigante*, que salientam a tríade, pai-mãe-filhos(as). Dessa forma, “a ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, [...], o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados” (LOURO, 1997, p. 70) nessas obras.

Considerações finais

Procuramos mostrar neste trabalho que ao selecionarem apenas roteiros de Contos de Fadas tradicionais para comporem o programa *Conta pra Mim*, essa política faz circular a importância da conservação do modelo de família nuclear e heterossexual a partir da veiculação de narrativas que prescrevem o casamento heteronormativo como eixo central nas histórias. Opera-se, desse modo, na reiteração de normas prevalentes de gênero por meio da apresentação de apenas uma forma de união parental, excluindo outros arranjos e enlances. Dessa maneira, os Contos de Fadas tradicionais, como artefato cultural que atuam como currículo, são objeto de diferentes disputas discursivas e, por meio do programa *Conta pra Mim*, têm sido acionados para reiterar normas de gênero que conservem um *status quo* que insista no padrão singular de família, a típica nuclear e heterossexual.

Referências

BAPTISTA, Mônica. **Palestra proferida no canal virtual do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG (Belo Horizonte)**. Dezembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fg5SDEpJdqM&t=7035s>. Acesso em 08/12/2020.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Portaria 421/2020. Institui o programa Conta pra Mim. **Diário Oficial da União**. Edição 78. Seção 1. Página 181. Ministério da Educação. 2020. Disponível em < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-421-de-23-de-abril-de-2020-253758595>. Acesso em maio de 2021.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Dispositivos da infantilidade e da antecipação da alfabetização no currículo do 1º ano do ensino fundamental: conflitos, encontros, acordos e disputas na formação das crianças de seis anos**. Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2016.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa** / Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FILHO, Ricardo Moreira Figueiredo. **Contos de Fadas [recurso eletrônico]** / organizado por Ministério da Educação – MEC ; coordenado por Secretaria de Alfabetização - Sealf. – Brasília, DF : MEC/Sealf, 2020. 16 p. : il. ; PDF ; 15,2 MB. – (Coleção Conta pra Mim)

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel, 1926 – 1984. O olhar do poder. In: **Microfísica do poder**; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 318-343.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, São Paulo, v.18, n.43, p. 449-502, set/dez, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1414-1435, out/dez, 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. v.20, n. 2, jul/dez, 1995.

SILVA, João Paulo de Lorena. **Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo: a invenção de modos de vida transviados** / João Paulo de Lorena Silva. - Belo Horizonte, 2018. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de ações de gênero nas narra gênero nas narrativas de crianças. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 19, n. 2, p. 591-603, maio-ago. 2011.